

JNT FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL
ISSN: 2526-4281 - ANO 2026 - MÊS DE SETEMBRO
DOSSIÊ TEMÁTICO: "SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO:
ABORDAGENS CRÍTICAS, INTERCULTURAIS E DECOLONIAIS"
Ed. 77. Vol. 1 - Págs. 19-35
DOI: 10.5281/zenodo.22162400



QUALIS
A2



PATRA VÉA DO SERTÃO QUE A SAGRADA LETRA CANTA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO ATRAVÉS DA CANÇÃO CURVAS DO RIO, DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO¹

THE OLD WOMAN OF THE BACKLANDS SUNG OF IN SACRED SCRIPTURE: LINGUISTIC VARIATION AND TEACHING THROUGH THE SONG "CURVAS DO RIO" BY ELOMAR FIGUEIRA MELLO

Brenda da Silva Dias ROCHA²

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: bdias8008@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-7625-060X>

Francisco Edviges ALBUQUERQUE³

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: fedviges@uol.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0004-1887>

RESUMO

A variação linguística é componente constitutivo de todas as línguas, ainda que se manifeste com intensidades distintas conforme a comunidade de fala. O cantor e compositor Elomar Figueira Mello assume, em suas canções, a variação característica do sertão baiano: ao usar uma modalidade não padrão da língua para exprimir sua arte, demonstra que estar à margem, geográfica e linguisticamente, forja uma identidade poética resistente e complexa, o que possibilita o uso de suas canções como estratégia de ensino. Assim, este artigo tem por objetivo identificar e descrever a ocorrência de variação linguística na canção *Curvas do rio*, articulando a análise sincrônica à dimensão histórica da língua e discutindo seu aproveitamento no ensino de língua materna. Adotou-se abordagem qualitativa: quanto à fundamentação, recorre-se à revisão bibliográfica; quanto ao tratamento do *corpus*, a pesquisa é

¹ COMO CITAR: (ABNT): ROCHA, B. S. D.; ALBUQUERQUE, F. E. Patra Vêa do Sertão que a Sagrada Letra Canta: Variação Linguística e Ensino Através da Canção Curvas do Rio, de Elomar Figueira Mello. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Setembro de 2026 - Ed. 77. VOL. 01. Págs. 19-35. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

² Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Possui mestrado em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantins do Maranhão (UEMASUL) e é doutoranda na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Também é bolsista pela CAPES-DS. Email: bdias8008@gmail.com.

³ Universidade Federal do Norte Tocantins UFNT. Possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999) e doutorado em Doutorado em Letras Universidade Federal Fluminense pela Universidade Federal Fluminense (2007). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoлогия, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação escolar indígena, língua Apinayé, interculturalidade e educação indígena. Professor de Curso de Educação continuada para os Professores indígenas e não indígenas da Educação Básica do estado do Tocantins, no período de 2002 a 2010. E-mail: fedviges@uol.com.br

documental, tomando a canção como fonte primária. Os principais autores mobilizados são Labov (2008), Tarallo (2007), Said Ali (1964), Williams (1975), Coutinho (1976), Coelho *et al.* (2018), Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2003, 2007, 2011). Conclui-se que a fala sertaneja não corrompe, mas dá continuidade à trajetória histórica do português e que o conhecimento dos funcionamentos e fenômenos da língua contribui com o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação linguística. Elomar. Ensino de Língua Materna.

ABSTRACT

Linguistic variation is a constitutive component of every language, even though it manifests itself with different degrees of intensity according to the speech community. In his songs, the singer and composer Elomar Figueira Mello embraces the variation that is characteristic of the Bahian *sertão*: by using a non-standard variety of the language to express his art, he demonstrates that being on the margins, both geographically and linguistically, forges a resilient and complex poetic identity, which makes it possible to use his songs as a teaching strategy. Thus, this article aims to identify and describe the occurrence of linguistic variation in the song *Curvas do rio*, linking the synchronic analysis to the historical dimension of the language and discussing its use in mother-tongue teaching. A qualitative approach was adopted: as for the theoretical framework, a bibliographic review was carried out; as for the treatment of the corpus, the research is documentary, taking the song as a primary source. The main authors drawn upon are Labov (2008), Tarallo (2007), Said Ali (1964), Williams (1975), Coutinho (1976), Coelho *et al.* (2018), Bortoni-Ricardo (2004), and Bagno (2003, 2007, 2011). It is concluded that *sertanejo* speech does not corrupt the language but rather continues the historical trajectory of Portuguese, and that knowledge of how the language works and of its phenomena contributes to the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic variation. Elomar. Mother-tongue teaching.

INTRODUÇÃO

“Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...”

Guimarães Rosa: Grande sertão: veredas

Metaforicamente, a língua pode ser chamada de nação. Nela as pessoas habitam, se localizam, se dividem, se consagram. Há os que desprezam a língua

porque acham que “as palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo” (Mãe, 2017, p. 40). Há os que a olham com admiração e dizem “Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa!” (Meireles, 1967, p. 560). Mas de um jeito ou de outro, a língua é identidade.

A língua é versátil, mutável, adquire formas diferentes. Essas formas distintas dos mesmos termos é o que a Sociolinguística chama de “variação”. A variação é o processo no qual duas formas podem ocorrer com o mesmo contexto e o mesmo valor referencial (Coelho *et al.*, 2018). Trata-se de um acontecimento regular e sistemático que ocorre em qualquer território com falantes, sendo essa heterogeneidade completamente funcional (Labov, 2008).

A Sociolinguística é a área da Linguística responsável pelo estudo da linguagem em uso na sociedade. Por isso, comporta vários temas de interesse para investigação, como a variação linguística, o preconceito linguístico, a sociolinguística em sala de aula. Diante das múltiplas possibilidades, a linha de estudo abordada será a variação linguística na obra de um cantor do sertão da Bahia, Elomar Figueira Mello, a partir, especificamente, de sua canção *Curvas do rio*.

Curvas do rio é uma música permeada pelo dialeto nordestino, com ocorrência de variação a níveis lexicais, fonológicos, morfológicos e sintáticos, expressando assim, não somente a identidade de um autor, mas a representação de um povo. Por isso, configura-se como conteúdo necessário para romper cada vez mais com o estigma de superioridade da “norma culta” que atribui tal adjetivo (culto) à uma oralidade padrão que mais se aproxima de uma ideia colonizadora de língua e hegemonia que do extenso conhecimento e erudição presente também na realidade nacional falada. Esse trabalho, portanto, se justifica por ressaltar a particularidade falante do sertanejo, ação necessária para diminuir preconceitos e levar alunos a construir um imaginário crítico e consagração de pluridialeto.

Assim, para este trabalho buscaremos verificar a ocorrência da variação linguística na canção de Elomar Mello, descrever, dentro dessa variação, os fenômenos presentes no *corpus* analisado, relacioná-los aos processos da gramática histórica do português e, por fim, demonstrar como pode ser usada a música em sala de aula para o reconhecimento dos processos linguísticos.

Para tanto, apresentamos inicialmente uma discussão sobre a Sociolinguística e a Teoria da Variação e Mudança, para então tratar dos conceitos operatórios da análise variacionista — variável, variantes e condicionadores. Em seguida, articulamos os metaplasmos à gramática histórica, antes de chegar à análise do *corpus*. Na última etapa, situamos a análise no contexto educacional.

Com isso, intentamos contribuir com os estudos sociolinguísticos, focando na linguagem utilizada no sertão brasileiro, para direta e indiretamente, combater o preconceito linguístico direcionado ao nordestino. Ademais, com este estudo, visamos contribuir para a compreensão desse dialeto pelos próprios usuários, isso é, o reconhecimento de sua identidade linguística, além de ampliar as possibilidades da sociolinguística seja trabalhada na educação.

Para tanto, será utilizado, principalmente, os autores Bagno (2003), Bortoni-Ricardo (2019, 2004), Coelho *et al.* (2018) e Taveiro-Silva (2012).

A SOCIOLINGUÍSTICA

Anteriormente, a língua era tratada por influentes linguistas, como Ferdinand de Saussure, como um sistema homogêneo cuja estrutura deveria ser separada das mudanças diacrônicas. Além disso, negligenciava-se a fala, descartando-se o estudo da mudança linguística em si (Labov, 2008). Foi somente a partir da década de 1960, com os estudos de William Labov, que a concepção de uma língua separada da prática social começou a ser rompida.

Labov iniciou seu projeto de doutorado no Lower East Side de Manhattan em 1962, com o objetivo de mapear a distribuição social do inglês em Nova York e identificar como ela estava mudando. Um total de 122 falantes foram entrevistados, a maioria pelo próprio Labov. As entrevistas incluíram perguntas sobre histórico linguístico, definições de palavras e conceitos, brincadeiras da infância, tarefas de pronúncia e percepções e atitudes em relação à língua. Labov concentrou-se particularmente em identificar cinco "estilos" diferentes, especialmente a "fala informal" (Bell; Sharma; Britain, 2016, p. 401, tradução livre⁴)

Com os estudos de Labov, a variação linguística foi admitida como parte da língua, não oposta a sistematicidade por ser passível de também ser identificada e quantificada (Labov, 1994) e foi admitido que a língua não deve ser isolada dos sujeitos, surgindo assim uma área que estuda especificamente a língua em seu contexto social, a sociolinguística.

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que assumiu que a língua é inerentemente heterogênea e indissociável de seus falantes. Na concepção de Coelho *et al.* (2018, p. 12), "a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos". Bortoni-Ricardo (2014)

⁴ No original: "Labov began his doctoral project on the Lower East Side of Manhattan in 1962, aiming to map the social distribution of the English of New York and to identify how it was changing. A total of 122 speakers were eventually interviewed, mostly by Labov himself. The interviews included questions on language background, word and concept definitions, childhood games, pronunciation tasks, and language perceptions and attitudes. Labov concentrated particularly on eliciting five different 'styles', especially 'casual speech'."

apregoa que a sociolinguística é uma disciplina central voltada para os fenômenos inerentes à língua em uso.

A Sociolinguística abarca desde questões do papel identitário da linguagem, até como a linguagem faz parte das relações de poder, ou ainda sobre a prática do preconceito linguístico e imposição das regras ortodoxas.

Para entrar no conteúdo da Sociolinguística, é indispensável a consciência da pluralidade linguística a que se estão submetidos os sujeitos. Na obra *Manual de Sociolinguística*, de Bortoni-Ricardo (2014), encontram-se informações sobre as línguas faladas no mundo, incluindo as do Brasil. Segundo a autora, no país são faladas por volta de 200 línguas, sendo algumas de comunidades de descendentes de imigrantes no país (chamadas alóctones) e, a maior parte, das comunidades indígenas (autóctones⁵).

Sendo a situação do multilinguismo muito mais comum do que a do monolinguismo, o país carrega a variação linguística como uma consequência. São diferentes línguas, sotaques, formas de expressão, gírias, e, a partir disso e outros aspectos (como os grupos geográficos, classes sociais etc) surge a variação linguística.

De acordo com Marcos Bagno (2007), na obra *Nada na língua é por acaso*, a língua é intrinsecamente heterogênea, principalmente porque é uma atividade social. Assim, a língua está em constante construção e não carrega o formalismo invariável de um produto acabado, selado, determinado. Não há (nem pode haver) um registro da língua tida como definitiva, nem mesmo no dicionário, pois, como diz o autor “é mais uma ilusão social acreditar que é possível encerrar em um único livro a verdade definitiva e eterna sobre uma língua” (p. 36).

Desta maneira, é reiterado que a variação linguística é um processo natural, uma vez que língua e usuário são inteiramente relacionados, e ambos são diversificados, instáveis, mutáveis, sujeitos à influência dos vários contextos e formações. Portanto, a língua não pode ser vista como algo autônomo ou independente, mas como uma estrutura usada pelo povo, codependente dele, uma vez que ele constrói a língua, instável e continuamente.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VARIÁVEL, VARIANTES E CONDICIONADORES

⁵ Explicando melhor, o termo alóctone refere-se a algo que não é originário do lugar onde se encontra; no contexto linguístico, designa línguas trazidas de fora por fluxos migratórios (como o alemão, o italiano e o japonês falados no Brasil). Contrapõe-se ao termo autóctone, que qualifica o que é nativo ou originário da própria terra, como as línguas indígenas brasileiras.

Estabelecido o princípio da heterogeneidade ordenada, é necessário precisar o vocabulário técnico que torna a análise da variação uma operação descritiva, e não impressionista. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 16), “[...] a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com um mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Os objetos possuírem diferentes nomenclaturas a depender do contexto não significa instabilidade de definição, pelo contrário, evidencia a complexidade de uma sociedade e a riqueza de sua língua.

Conforme Fernando Tarallo (2007), a variável linguística é o segmento que se realiza de mais de uma maneira sem a alteração do valor referencial. Cada uma dessas realizações é uma variante, sendo o conjunto dessas variantes de uma mesma variável a regra variável. A escolha das variantes não se caracteriza como livre, mas como direcionada por condicionadores externos de nível linguístico (contexto fonológico, tonicidade, classe da palavra) e extralinguístico (origem geográfica, grau de escolarização, faixa etária, sexo, registro). Bagno (2007) apresenta a variação linguística como uma heterogeneidade ordenada, visto que, apesar de serem “fugas” da regra-culta, não acontecem de maneira acidental, mas como um fenômeno possível de ser explicado e até previsto.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 47), “[...] seis fatores extralinguísticos determinam a variação: faixa etária, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e redes sociais”. Bagno (2007), acrescenta a esses fatores a origem geográfica. Ademais, a língua varia conforme o contexto imediato da interação, o que se reflete nos chamados tipos de variação: a variação diatópica (regional), a diastrática (social), a diamésica (entre fala e escrita), a diafásica (conforme o grau de monitoramento) e a diacrônica (relativa à etapa histórica da língua) (Bagno, 2007).

Coelho *et al.* (2018), ainda os vários níveis em que podem ocorrer variação. Eles são cinco:

Variação Lexical

Diz respeito ao vocabulário regional que compõe o léxico de uma comunidade. Por exemplo, o que é chamado de abóbora na região norte/nordeste é jerimum, na região sul/sudeste. Ou ainda, a canjica que, a depender da região, pode ser chamada de chá de burro, de mungunzá ou mingau de milho. O caráter cultural desta variação é o que faz, por exemplo, Elomar, nas suas músicas, ao invés de falar “sofrimento” escolher “penura”.

Variação Fonológica

Correspondente à variação no som das palavras. Aí ocorrem os metaplasmos, desvios na composição fonética em relação à pronúncia considerada culta, que são os fenômenos de variação *por acréscimo, por supressão, transposição e transformação*, conforme apresentado por de Bagno (2011), na obra *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. Segundo o autor, os metaplasmos, como são chamadas as mudanças na estrutura fonética da palavra, são subdivididas em:

- Metaplasmos por acréscimo: são a *prótese*, acréscimo fonético no início da palavra, o *epêntese*, acréscimo no interior da palavra, o *suarabácti*, acréscimo de vogal no meio de um grupo consonantal, e a *paragoge*, acréscimo no final da palavra.
- Metaplasmos por supressão: *aférise*, a desaparecimento de fonemas no início do vocábulo, *síncope*, supressão de fonemas no interior do vocábulo, *apócope*, supressão de fonemas no final da palavra, mais comum em formas infinitivas, *crase*, supressão por fusão de duas vogais, e *sinalefa*, junção de duas ou mais palavras em uma só.
- Metaplasmo por transposição: *metátese*, a troca de lugares dos fonemas, *hiperbibismo sístole e hiperbibismo diástole*, deslocamento da tonicidade na palavra para anterior ou posterior do normal, respectivamente.
- Metaplasmo por transformação: *vocalização*, transformação do elemento consonântico em vogal, como /λ/ em /i/, do /l/ em /u/ e do /η/ em /i/, *consonantização*, transformação da vogal em consoante, *nasalização*, vogal fechada nasal próxima ao palato, *desnasalização*, transformação que ocorre na vogal nasal postônica, *apofonia*, fechamento da vogal tônica no singular para o plural, *metafonia*, alteração no timbre de uma vogal por influências de outras vogais, *assimilação*, supressão por semelhança fonética, dissimilação da líquida /r/, palatalização do /t/ e /d/ diante do /i/. *Despalatalização*, transformar o /λ/ em alveolar, sândi, modificação de pronúncia dependendo do som que antecede a fronteira da palavra, *rotacismo*, troca do fonema /l/ pelo /r/ e *lambdacismo*, troca do fonema /r/ por /l/.

Um bom exemplo é quando, no início da música *Estrela Maga dos Ciganos*, Elomar versa “Eu vô dexá tôdêssas coisa aí dum lado”, ocorrendo, numa frase o metaplasmo da assimilação (vô > vou), (dexá > deixar) e o metaplasmo por supressão sinalefa (todêssas > todas essas), (dum > de um).

Variação Morfológica: (ou morfofonológica ou morfossintática)

Variação que ocorre no morfema da palavra (unidade mínima significativa) como, por exemplo, a não realização do morfema *-m* para indicar a terceira pessoa do plural, como em “*eles anda*” (eles andam), ou como na música *Cantiga do Estradar* onde Elomar sentencia “mais duras penas só eu veno”, retirando o fonema /d/, sendo, portanto, uma variação morfológica, mas que também é cabível ser classificada como fonológica visto que é um metaplasmo por assimilação.

Portanto, a variação morfológica pode representar a não realização de um morfema ou ainda a troca deste por outro. O acontecimento das duas variações (fonológica e morfológica) em uma mesma palavra pode ser classificada como variação morfofonológica⁶ ou pode-se dizer, ainda, que ocorreu interface, que é o caso de quando uma variação abarca dois níveis gramaticais (Coelho *et al.*, 2018).

Variação Sintática

Variação a nível da estrutura sintática da frase. Por exemplo, a posição do clítico em relação ao verbo, onde, geralmente, segundo Coelho *et al.* (2018), é mais frequentemente usada a próclise (posição pré-verbal do artigo) como em “Eu o encontrei mais cedo” que a ênclise (posição pós-verbal) “eu encontrei-o mais cedo”. Entretanto, o mais usado, principalmente por falantes pouco escolarizados é trocar o artigo pelo pronome na terceira pessoa do singular “encontrei ele mais cedo”.

Variação Discursiva

Relativo às palavras que encadeiam trechos discursivos, como por exemplo “quer dizer”, “assim”, “afinal” ou, então, a expressões de caráter discursivo como “pô”, “cara”, “orra meu”, que dão sequência de modo coesivo ao texto e servem para organização e manutenção da fala.

Esses tipos de variações aqui apresentadas mostram que a linguagem tem ramificações e, “[...] dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea” (Bagno, 2007, p. 39). Acreditar que uma língua tem diversas formas, significa desconstruir o pensamento de que o português brasileiro deve ser falado de uma só maneira e o que foge a isso é “errado”. O posicionamento

⁶Quando uma variação abarca dois níveis gramaticais — fonológico e morfológico — fala-se em variação morfofonológica; quando envolve morfologia e sintaxe, em variação morfossintática. Ver: Coelho *et al.*, 2018.

que caracteriza os dialetos como “certo” ou “errado” é preconceituoso e tende a favorecer determinadas classes sociais e a marginalizar outras.

Entretanto, é possível dizer que o Brasil com suas línguas portuguesas demonstra sua versatilidade na poesia cantada, evidenciando seus sotaques, suas construções frasais, seu dialeto. Através da música, esta arte popular, é possível exercitar com os alunos o reconhecimento das variações ou somente dos diversos tipos de identidades linguísticas.

Aqui, escolhemos o cantor e compositor Elomar Figueira de Mello, pois suas músicas carregam possibilidades abundantes de interpretação poética e linguística, tornando a matéria da sociolinguística mais concreta uma vez que em cada verso é facilmente identificado mais de um metaplasmo, mais de um tipo de variação.

OS METAPLASMOS E A GRAMÁTICA HISTÓRICA: A VARIAÇÃO COMO CONTINUIDADE DA MUDANÇA

Os metaplasmos descritos como variação sincrônica são, em grande parte, os mesmos processos fonéticos que transformaram o latim em português. Mas se comparados, não somente os processos de vocalização, rotacismo etc. se repetem, mas também o comportamento inerente às línguas. Na obra *Do latim ao português*, de Edwin Bucher Williams (1975), o autor comenta sobre como o latim clássico buscava se uniformizar através da cultura elitizada e do aprendizado, enquanto o latim vulgar, aquele falado pelas massas, era sujeito a constantes modificações tal qual uma língua viva e em expansão. No ensino, projetar uma padronização em busca de um fechamento da língua é retirar dela o caráter amplificador próprio de qualquer língua em uso, e essa coação tornaria a escola extremamente afastada da realidade social.

Williams (1975) trata da evolução da fonética e morfologia do latim vulgar. Ele e outros estudiosos da gramática histórica como Said Ali (1964) e Coutinho (1938) evidenciaram, em seus capítulos de classificação o acúmulo constante de modificações tanto no latim quanto do português antigo ao português moderno. Se comparar, são processos semelhante aos que os sertanejos do nordeste realizam em suas falas. Por exemplo, quando o nordestino diz “pranta” ou “bruza”, aplica o mesmo rotacismo que produziu *praça* (do latim *platea*) e *cravo* (de *clavu*); quando reduz o ditongo em “vô” e “dêxo”, dá continuidade ao movimento que levou *auru* a *ouro*.

Isso atesta que os fenômenos encontrados na fala popular nordestina não são uma deturpação do português, mas uma testemunha de seu percurso. O que o senso comum pode tratar como “erro” é a língua se repetindo desde sua formação inicial, inclusive no berço-mãe, o latim. Desta forma, percebe-se que o preconceito linguístico

é uma intolerância sobretudo aos falantes e não à língua em si, pois esta nunca cumpriu ou prometeu cumprir com uma padronização regular diacrônica.

Estudar a gramática histórica sob o ponto de vista das mudanças estruturais se torna uma necessidade pedagógica para desmistificar a variação linguística como particularidade de camadas sociais em situação de vulnerabilidade. Através do conhecimento, a sociolinguística pode contribuir para que os alunos tirem a fala do conceito moral e a analisem sob o ponto de vista histórico. A análise de uma variação concreta, audível e musical pode auxiliar o professor na construção de materiais que trabalhem as condições linguísticas e poéticas das falas. Diante disso, segue-se a análise de *Curvas do Rio*, de Elomar.

SENHORES DONOS DA CASA, O CANTADOR PEDE LICENÇA

Elomar Figueira Mello é cantor e compositor do sertão da Bahia, mais especificamente de Vitória da Conquista. Esta é uma informação relevante visto que a localização geográfica é um dos fatores necessários para uma efetiva investigação das motivações variacionistas extralinguísticas do falante (Bagno, 2007). Mas, para além de onde ele veio, há muito mais. Há o absolutismo da arte na sua *persona*. Em suas cantigas, há a constante exaltação da figura do campo, o que revela não somente que ele é sertanejo, mas que ele faz questão de assumir essa identidade.

Suas canções consagram sua terra a partir da linguagem e memória. E, na linguagem, o autor dilui as fronteiras entre poesia escrita e poesia cantada (Guerreiro, 2005). Apesar da complexidade de suas composições, principalmente ao que se refere à construção de musicalidade e acordes complexos, focaremos acerca da análise de uma de suas canções, a música *Curvas do rio*, presente no álbum *Na quadrada das águas perdidas*, segundo álbum de sua carreira, lançado em 1979.

CURVAS DO RIO

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e documental. O *corpus* é constituído pela primeira estrofe de *Curvas do rio*, transcrita conforme a realização fonética do cantor e cotejada com a forma da norma padrão. O procedimento consiste em, verso a verso, identificar as variáveis em jogo, por exemplo, a realização da vogal média pretônica ([e] ~ [i]; [o] ~ [u]) e a realização do /r/ final de infinitivo (presente ~ apagado), descrever suas variantes e discutir os condicionadores linguísticos (contexto fonológico, tonicidade) e extralinguísticos (origem geográfica sertaneja,

ruralidade, grau de escolarização, registro estilizado) implicados (Coelho *et al.*, 2018; Bagno, 2011; Taveiro-Silva, 2012).

Cabe uma ressalva metodológica: a canção é fala estilizada e planejada, não fala espontânea coletada em entrevista sociolinguística. Não se pretende, portanto, quantificar frequências nem generalizar índices para a comunidade de fala, o que exigiria amostra controlada. O que o *corpus* oferece, inclusive na primeira estrofe, é o suficiente para os objetivos aqui propostos, que é um conjunto rico e autêntico de variantes não padrão, deliberadamente assumidas pelo autor como marca identitária, particularmente produtivo para fins descritivos e didáticos.

Análise dos Fenômenos

Transcreve-se a estrofe:

1. Vô corrê trecho
2. Vô percurá ã'a terra pr'eu pudê trabaiaá
3. Pra vê se dêxo
4. Essa mĩa pobre terra véa discansá
5. Foi na Monarca a prime'ra dirrubada
6. Dêrna d'intão é sol é fogo é táí d'inxada

Nesta primeira parte da primeira estrofe, o eu lírico anuncia toda a temática da música: ir embora. No dialeto nordestino, “correr trecho” é andar por longos lugares, viajar. No verso 1, ocorrem um metaplasmo por transformação, a assimilação, ocasionado pela redução do ditongo /ou/ em /o/: vô> vou. Esse fenômeno nessa palavra é repetido nos versos 2 e 13. Com a palavra “corrê” acontece uma apócope, metaplasmo por supressão. Ele consiste no apagamento do /r/ no final, na demarcação do infinitivo. O mesmo acontece com “percurá” e “pudê” e trabaiaá”, no verso 2, “vê”, no verso 3 e “discansá” no verso 4. Observamos, portanto, que esse fenômeno é muito comum.

No verso 2, a palavra “percurar”, equivalente a “procurar” na norma padrão, é uma palavra própria de lugares do nordeste menos escolarizados e é um metaplasmo por transição, a metátese, que é o deslocamento do /r/ numa mesma sílaba: *percurá*> *procurar*. Ainda no verso 2, o eu lírico entona “ã'a” suprimindo a consoante /m/, esse fenômeno é uma ocorrência de não sandi interno. Ainda nesse verso, a palavra “pr'eu” ao invés de “para eu” indica a ocorrência de uma sinalefa, fenômeno caracterizado pela junção de palavras. Em “trabaiaá”, além da apócope já indicada, acontece também a vocalização, com o apagamento do fonema palatal /lh/ (despalatalização) e a transformação em /i/ (iotização).

No verso 3, na palavra “dêxo”, acontece o metaplasmo por assimilação, na retirada do ditongo /ei/ e permanência somente do /e/ por assimilação dos sons parecidos do ditongo, a mesma coisa acontece no verso 5 com a palavra “primera”, substituindo o /ei/ por /e/. No verso 4, em “mã”, acontece a frequente variação do sandi interno, que é o não pronunciamento do /nh/. O mesmo acontecerá ao decorrer da música com as palavras “cuzã” (v. 15) e “farã” (v. 16). A mesma despalatalização que acontece em “trabaiá”, no verso 2, acontece com a penúltima palavra do verso 4, “véa”, que na pronúncia considerada como culta seria “velha”. Os versos 5 e 6 falam que depois da monarquia, aquela terra começou a ser cultivada e explorada, merecendo, agora, um descanso.

1. Me ispera, assunta bem
2. Inté a bôca das água qui vem
3. Num chora conforma mulê
4. Eu volto se assim Deus quisé

No verso 8, a última vogal da palavra se une com a primeira da próxima palavra (me espera), pois têm sons idênticos, assim, acontece uma sinalefa. Porém, não apenas. Esse fenômeno também é característico do alçamento de vogal.

Um dos fenômenos mais recorrentes na estrofe e, não por acaso, um dos mais característicos das variedades nordestinas é o *alçamento* (ou elevação) das vogais médias pretônicas: a vogal média anterior /e/ realiza-se como a alta [i], e a vogal média posterior /o/, como a alta [u], em sílaba átona anterior à tônica. Como observam Mattoso Câmara (1999) e Bortoni-Ricardo (2004), em quase todas as variedades do português brasileiro as médias /e/ e /o/ átonas tendem a ser pronunciadas [i] e [u]; um dos condicionadores linguísticos do processo é a *harmonização vocálica*, isto é, o alçamento favorecido pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte (como em medida → mídida).

Aplicado ao corpus, o alçamento de /e/ → [i] aparece em: di-scansá (descansar, v. 4), di-rrubada (derrubada, v. 5), d'in-tão (então, v. 6), in-xada (enxada, v. 6), is-pera (espera, v. 7) e qui (que, v. 8). O alçamento de /o/ → [u] aparece em pu-dê (poder, v. 2) e na sílaba inicial de per-curá (procurar, v. 2), esta combinada a uma metátese. São, portanto, oito ocorrências em dez versos — frequência que confirma o estatuto do alçamento como traço dominante da variedade representada.

Por isso que “ispera” (v. 7) e “d'intão” (v. 6) além de serem uma sinalefa também carregam o alçamento da vogal inicial (e-spera → i-spera) no interior do próprio vocábulo. Os dois fenômenos coexistem, e distingui-los é justamente o que o aparato variacionista permite fazer, pois, como diz Bagno (2007), nada na língua

acontece por acaso, pelo contrário, todos os fenômenos têm explicações lógicas. Outra variação lexical ocorre na palavra "escuta", que na canção aparece como "assunta" (v. 7). Nesse verso, acontece uma variação morfológica com a frase "boca das água", pois ocorre a não realização do morfema -s, que representa uma desinência nominal necessária à conjugação da preposição "das". Nos versos exemplificados ocorre ainda a despalatalização e apócope em "mulé" (v. 9) e a apócope em "quisé", do verso 10, como já mencionado.

Em suma, a estrofe condensa, em apenas dez versos, alçamento, monotongação, apócope, metátese, vocalização, nasalização e variação lexical e morfológica. Mais do que demonstrar a riqueza linguística da canção, essa densidade revela seu potencial pedagógico: se a variação está toda ali, audível e reconhecível, *Curvas do rio* pode deixar de ser objeto de análise para se tornar instrumento de ensino.

SOCIOLINGUÍSTICA, EDUCAÇÃO E ENSINO ATRAVÉS DA OBRA DE ELOMAR

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a escola é um dos três principais domínios sociais (junto com a família e os amigos). É um lugar formador, tanto de saberes quanto de práticas. Um dos principais trabalhos feitos pela escola é no âmbito da linguagem, parte pela interação que se tem com outras pessoas e parte porque ela intenta desenvolver a língua falada e a escrita. Sendo um espaço de possibilidade. Infelizmente, um acontecimento comum, sobretudo em escolas é o preconceito linguístico.

O preconceito linguístico acontece quando a linguagem de alguém é desprezada ou insultada em relação à "unidade" linguística buscada; considerada valorizada. Bagno (2003) coloca que a unidade linguística é um dos mitos que sustentam o preconceito. Segundo o autor:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (Bagno, 2003, p. 15)

No âmbito da escola, portanto, o mito da uniformização leva professores a classificar o modo de falar como "certo" e "errado", quando, na verdade, não existe padrão diante das diferenças.

A escola que compara a fala do aluno à norma gramatical para acusá-lo demonstra não só intolerância, ignorância como, também, injustiça uma vez que a

norma padrão não está presente no dia a dia da maior parte das pessoas. Se, por exemplo, um médico só falasse de forma técnica, não seria entendido, então precisa recorrer à variedade popular para se comunicar. Por que, então, lutar para que se uniformize a linguagem uma parcela mínima da população que fala de modo “requintado”⁷, retirando a identidade local do aluno para fazê-lo usar uma linguagem artificial?

A resposta é a tendência capitalista de valorizar a parcela de pessoas com mais “prestígio” social. Mas a luta pela conscientização é um passo que estudos como este pretendem dar.

A proposta desta pesquisa é trabalhar a música de Elomar em sala de aula. Ouvir as músicas do cantor pode despertar nas pessoas – principalmente naquelas que têm origem nordestina – identificação. Muitas vezes esse tipo de música traz reconhecimento e memória por seu vocabulário popular. O *autorreconhecimento* é o primeiro passo para que o aluno assuma sua identidade linguística; é necessário, nesse passo, retirar dele a ideia pré-concebida de que seu dialeto é errado, engraçado ou feio. Ele deve conhecer a norma padrão para que ela seja uma ferramenta de uso social, e não uma imposição cega. Bortoni-Ricardo (2004) explora esse assunto ao tratar de competência linguística.

A competência linguística é a capacidade de o falante se adequar às diversas situações que se insere, sabendo como falar frente a qualquer circunstância e interlocutor (Bortoni-Ricardo, 2004). O aluno precisa entender que há linguagens mais adequadas a certos contextos e que dominar a norma de prestígio é instrumento de inserção social em entrevistas de emprego, vestibulares, concursos, sem que isso implique desmerecer sua própria fala. É necessário, portanto, estudar a norma culta e ampliar o repertório linguístico, e esse é, principalmente, o papel da escola.

Diante do uso da sentença não padrão Bortoni-Ricardo (2004) apregoa que o costume de interferir do professor é incorreto quando enseja em alguma forma de humilhação e, que para uma pedagogia culturalmente sensível, diante da realização de uma regra não padrão, duas devem ser as estratégias no ensino: a identificação da diferença e a conscientização da diferença.

Sugerimos aqui a utilização da música de Elomar, porque o cantor carrega características de variação lexical, fonológica e morfológica muito claras, podendo ser facilmente apontadas pelos próprios alunos e, assim, concedido a eles o poder da

⁷ Não existe um adjetivo neutro para designar a norma de prestígio: termos como “requintada” ou “complexa”, de uso corrente, embutem um juízo de valor que favorece falsamente uma variedade em detrimento das demais.

percepção. A música pode ser trabalhada através de destaques de palavras do sertão, com exercício de identificação dos metaplasmos e, ainda, com algo mais pessoal: associação. Uma proposta é que os alunos assinalem as palavras da música que já ouviram em seu meio e, a partir delas, narrem situações vividas ou falem da identidade de sua família. Desta forma, ele não terá a sociolinguística como uma matéria distante do seu modo de viver, e sim terá um encontro com o lado prático e social que a disciplina carrega.

A sociolinguística é uma matéria de fácil execução porque infalivelmente está presente na vida das pessoas. A língua está no passado, presente e pretérito, e a relação com a língua sempre existe, o que a sociolinguística faz, é debatê-la. Uma vez que o papel de conscientizar o sujeito é também da escola, é essencial que o debate sobre a língua na sociedade também seja intermediado por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da variação linguística é, sobretudo, regular e previsível. Não acontece por sorte, por desleixo ou, como diria Bagno (2007), por acaso. A língua é fabulosa independente do falante. Na verdade, a língua é fabulosa por causa do falante. Pela complexidade e idiossincrasia do ser humano, a língua o imita. A previsibilidade permite perceber que a fala é condicionada por vários fatores, incluindo a origem regional, as redes sociais e a faixa etária — e que esses condicionadores podem ser descritos com o aparato da Teoria da Variação.

Saber a procedência (inclusive histórica) da fala não é um simples modo de entender o mundo, mas é também essencial para se entender. A escola, portanto, deve ser instrumento guiador para toda pessoa que busca conhecimento de si e do outro. A partir do estudo da sociolinguística, intenciona-se que preconceitos sejam quebrados e acessibilidades, construídas.

Assim, embora o objetivo deste trabalho, descrever a variação na canção de Elomar, tenha sido alcançado, o objetivo maior da área ainda não o foi: enquanto houver aluno rebaixado por sua fala, que sofre preconceito linguístico e que não consegue entender ou se fazer entendido em todos os contextos, ainda haverá um longo caminho a trilhar. Este artigo pretendeu ser um passo rumo a uma sociedade que fala e sabe como fala.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BELL, Allan; SHARMA, Devyani; BRITAIN, David. Labov in sociolinguistics: an introduction. **Journal of Sociolinguistics**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 399-408, set. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/josl.12199>. Acesso em: 26 jun. 2026.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer a sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELOMAR. Curvas do rio. In: ELOMAR. **Na quadrada das águas perdidas**. [S. l.]: Discos Marcus Pereira, 1979. 1 álbum sonoro. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7FO5s326kpL2HqeFDXToRw?si=f5264413038e4dbe>. Acesso em: 30 jun. 2026.

GUERREIRO, Simone da Silva. **Tramas do sagrado**: a poética de Elomar Figueira Mello. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: internal factors. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TAVEIRO-SILVA, Maria da Guia. **Letramento e linguagem em escola rural no Maranhão**. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.